

Promoção da saúde do adolescente em um colégio público estadual: um relato de experiência

Gabrielle Dias Da Silveira¹; Giovanna de Oliveira Fernandes¹; Heloá Fernandes Gonçalves de Araújo¹; Marina Freitas Silva¹; Thiago Celiac Cardoso¹; Morgana Lima Maia Ciambelli²; Constanza Thaise Xavier Silva²

1. Discente do curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

2. Docente curso de Medicina do Centro Universitário UniEVANGÉLICA.

RESUMO: A adolescência, uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, é marcada por mudanças fisiológicas, psíquicas e sociais significativas, apresentando diversos desafios. Este artigo relata a experiência de acadêmicos de medicina da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA), em uma ação comunitária voltada para a promoção da saúde dos adolescentes. Nesse contexto, o objetivo foi abordar os principais desafios enfrentados pelos adolescentes, levando em conta as estratégias de intervenções na promoção da saúde dos púberes. A ação foi realizada durante o módulo III de Medicina de Família e Comunidade, no segundo semestre de 2023, no Colégio Estadual José Ludovico de Almeida, em Anápolis-GO. Para isso, utilizando-se o Arco de Maguerez, a intervenção incluiu observação, teorização e aplicação prática de temas relevantes, tais como saúde mental, saúde sexual e violência, criando um espaço seguro para que os jovens pudessem discutir e expressar suas preocupações. As atividades envolveram dinâmicas adaptadas para diferentes idades, com apresentações expositivas e rodas de conversa sobre saúde mental (depressão, ansiedade, suicídio), saúde sexual (uso de contraceptivos, prevenção de ISTs), e violência (doméstica e sexual). Assim, os alunos compartilharam anonimamente suas dúvidas e experiências, revelando fatos preocupantes de violência e transtornos mentais, sendo esses casos encaminhados para a coordenação psicopedagógica. Por fim, a experiência evidenciou a importância de uma abordagem prática e integrada na educação em saúde para adolescentes. Além disso, o projeto não apenas proporcionou conhecimento teórico, mas também ofereceu um espaço seguro para a expressão de preocupações, reforçando a necessidade de intervenções continuadas e especializadas. Por tudo isso, a ação educativa demonstrou ser uma ferramenta valiosa para a formação dos estudantes de medicina e para a promoção do bem-estar dos adolescentes, destacando a relevância de projetos interdisciplinares na educação em saúde.

Palavras-chave:

Adolescente. Ação comunitária. Comportamento. Promoção da saúde. Violência.

INTRODUÇÃO

A adolescência é um estágio do desenvolvimento humano, caracterizado por uma transição entre a infância para a idade adulta, a qual é acompanhada de um conjunto de alterações fisiológicas, psíquicas e sociais, fundamentais para o crescimento, mas que trazem consigo diversos desafios¹. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelecido pela Lei 8069 de 1990, as pessoas são consideradas crianças até os 12 anos de idade incompletos, enquanto os adolescentes estão na faixa etária entre os 12 e 18 anos, sendo que ambos são dotados de direitos à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária².

Os adolescentes passam por um intenso processo de maturação sexual, marcado pela mudança do eixo hipotálamo-hipófise-gonadal, em que há um aumento na produção dos hormônios sexuais principalmente testosterona, no caso dos homens, ou estrogênio e progesterona, no caso das mulheres³.

Conseqüentemente, ocorre a aparição dos caracteres sexuais secundários e o começo de um interesse maior pela sexualidade, o que torna imprescindível a introdução da temática de direitos sexuais e reprodutivos, além da discussão acerca das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs)^{3,4}. Haja vista, a alta incidência de gravidez na adolescência no Brasil⁵ e a maior suscetibilidade dos adolescentes e jovens às ISTs, visto que eles representam a maior porcentagem de novos casos⁴.

A juventude também traz consigo várias dificuldades no aspecto emocional, uma vez que, ao redor do mundo, cerca de uma a cada quatro ou cinco crianças e adolescentes sofrem de algum transtorno mental⁶. Nesse sentido, o transtorno mais prevalente em meio aos jovens é a depressão, o qual possui um grande potencial de despertar uma ideação suicida⁷. Tal condição está intimamente associada ao processo de adaptação do púbere ao próprio corpo e a aceitação das mudanças fisiológicas que acontecem na adolescência, lembrando que as meninas comumente são as mais afetadas por essa insatisfação corporal⁷.

Outrossim, experiências traumáticas durante a infância, como violência doméstica, assédios ou abusos sexuais e psicológicos, podem desencadear problemas depressivos que trarão implicações durante a adolescência e muitas vezes se perdurando até a maioridade^{7,8}. Por esta razão, a dinâmica familiar desempenha um papel crucial na vida de um indivíduo, influenciando diretamente seu desenvolvimento, comportamento e saúde mental⁹.

Por conseguinte, quando se trata do uso de drogas, a família pode ser tanto um fator de proteção quanto um fator de risco, dependendo de diversos aspectos, como a qualidade do relacionamento familiar, o suporte emocional oferecido, a comunicação entre os membros e a presença de histórico de uso de drogas na família¹⁰. Nesse contexto, a vulnerabilidade refere-se à susceptibilidade de um indivíduo em se expor ao uso de substâncias psicoativas, como álcool e drogas ilícitas. Essa vulnerabilidade pode ser influenciada por uma série de fatores, incluindo aspectos genéticos, biológicos, psicológicos, sociais e ambientais. Nessa ótica, os problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas está

relacionado à condição de vulnerabilidade, contribuinte para o uso abusivo, bem como a família, sendo entendida como fator de risco e/ou proteção e como sistema diretamente afetado pelo problema¹¹.

Ademais, a vulnerabilidade econômica afeta o destino de muitos adolescentes, visto que nessa fase estes são inimputáveis e, teoricamente, dependentes financeiramente de seus tutores. Apesar disso, a ausência de perspectivas e de oportunidade social, associada à necessidade econômica, viabiliza a entrada, muitas vezes, no mundo do crime e do tráfico¹². Assim, ao explorar o papel da família, é possível compreender, de maneira mais profunda, os fatores que influenciam na fragilidade comportamental do adolescente no uso de entorpecentes. Essa visão holística permite o desenvolvimento de prevenção e de intervenções mais eficazes, centradas no contexto familiar.

Dessa forma, o objetivo principal do presente artigo foi relatar a experiência dos acadêmicos de medicina, pertencentes a uma instituição privada do estado de Goiás, sobre uma ação comunitária que abordava os principais desafios e intervenções na promoção da saúde do adolescente.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O artigo se trata de uma relato de experiência, do tipo descritivo, de uma ação realizada ao decorrer do módulo III de Medicina de Família e Comunidade (MFC), durante o segundo semestre de 2023, do curso de medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA, baseado em uma ação de educação em saúde e direitos para adolescentes do colégio Estadual José Ludovico de Almeida (figura 1), instituição a qual engloba Ensino fundamental e Ensino Médio e está localizada no município de Anápolis-Go, que por sua vez comporta 398.869 habitantes (IBGE, 2022)¹³.



Figura 1- Fachada da escola de Ensino Fundamental II e Ensino Médio onde a conscientização foi realizada.

O projeto foi elaborado para caminhar em correspondência ao módulo de Saúde do Adolescente que estava sendo ministrado, no final do segundo semestre de 2023. O intuito da disciplina de Medicina de Família e Comunidade era realizar uma demonstração prática sobre o convívio com o adolescente, e buscar maneiras de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas de Morfofuncional, Habilidades Médicas e Medicina da Família e Comunidade.

Assim, a elaboração do projeto se deu em 5 momentos, divididos em observação da realidade da população em questão, identificação dos pontos-chave, teorização, discussão de hipóteses e solução e aplicação à realidade. Sendo assim, essa elaboração se pautou em uma adaptação do Arco de Maguerez, uma metodologia ativa que desenvolve o aprendizado crítico reflexivo a partir dos cinco passos listados anteriormente.

Dessa forma, em um primeiro momento, ao fim do período, em outubro de 2023, foi realizada uma reunião entre os acadêmicos e a professora responsável pelo módulo, a fim de encontrar e discutir os pontos-chave, ou seja, os fatores sociais ou fisiológicos que mais impactavam a realidade dos adolescentes brasileiros e anapolinos (1º e 2º passos do arco de Charles Maguerez). E então, a partir disso, concluiu-se que seriam necessárias intervenções relacionadas a saúde mental (com foco em depressão, ansiedade, suicídio e abuso de substâncias), saúde sexual e reprodutiva, violência doméstica, violência sexual e direitos da criança e do adolescente.

O segundo momento se pautou na organização das oficinas, com o grupo teorizando métodos didáticos e lúdicos para trabalhar os temas pré-definidos, assim como discutindo as principais formas de intervenção (3º e 4º passos). Toda a pesquisa foi feita através da busca de artigos que relataram ações extensivas com objetivos similares. Dessa forma, foi concluído que para garantir uma dinâmica melhor e mais fluida, a turma seria subdividida em grupos de 4 acadêmicos, que seriam responsáveis por aplicar a dinâmica em cada sala.

Essa dinâmica, por sua vez, deveria obrigatoriamente conter um momento expositivo que se baseava em slides, feitos por membros do grupo que tivessem uma maior disponibilidade, mas poderia se diferenciar em relação a como a oficina seria administrada em cada sala, de acordo com a preferência de cada um desses subgrupos, considerando principalmente a idade média da turma. Entretanto, essa adaptação necessitaria da aprovação da professora encarregada.

O terceiro e último momento, em que se teve a aplicação do 5º passo do Arco de Maguerez, foi o momento de aplicar toda essa teorização na prática, utilizando os slides readaptados, uma vez que o subgrupo ficou responsável pelo 8º ano do ensino fundamental e necessitava de uma abordagem mais chamativa e interativa. Assim, determinado subgrupo optou por fazer um momento de roda de conversa, com perguntas direcionadas a respeito dos assuntos, acompanhadas da parte expositiva, em que os acadêmicos em um primeiro momento apresentaram o tema (figura 2) e deixavam a turma discutir e expor as próprias opiniões, e depois era complementado e explicado cada tópico de forma técnica, elucidando a respeito de informações, conhecimentos ou direitos desconhecidos pelos menores.



Figura 2 - Discente do curso de medicina em roda de conversa sobre os temas ministrados.

Os principais temas discutidos foram a respeito de como funciona uma consulta apropriada para o adolescente e quais os direitos de privacidade que eles possuem dentro dessa relação médico paciente, assim como os serviços oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em relação a promoção de saúde mental, de forma que evidenciasse o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), o atendimento multidisciplinar da Unidade Básica de Saúde (UBS) e o Centro de Valorização à Vida (CVV), como forma de conscientização sobre formas de prevenção de suicídio (figura 3).

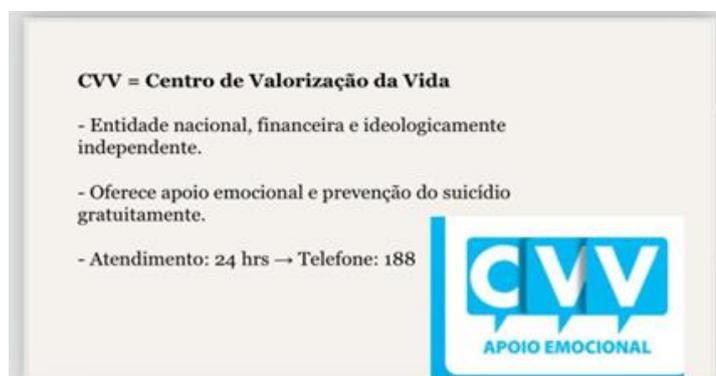


Figura 3 - Slide sobre o Centro de Valorização da Vida que foi informado durante a roda de conversa.

Além do mais, foi ressaltado os principais direitos dos adolescentes como os direitos à liberdade, dignidade, convivência familiar e comunitária, lazer, educação e esportes, proteção no trabalho e profissionalização e por último aquele que recebeu maior enfoque, direitos reprodutivos e sexuais. Foi abordado o uso de métodos contraceptivos e de proteção contra infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), relações consensuais e o sexo seguro. E em complemento foi informado que boa parte dessas opções de contracepção são fornecidas pelas instituições governamentais de saúde. Por último, foi falado também sobre as formas de violência, principalmente doméstica e sexual (figura 4) conscientizando sobre as maneiras como podem ocorrer e informando sobre as possibilidades de contato e busca de ajuda nesses casos.



Figura 4 - Slide informando os conceitos de violência doméstica e sexual, além do número emergencial.

Após a roda de conversa, foi pedido para os alunos escreverem um papel de forma anônima ou com autoria suas dúvidas, comentários sobre a palestra e até desabafos que eles quisessem fazer a respeito dos temas debatidos. E o subgrupo foi surpreendido com o número de relatos preocupantes acerca de violência doméstica e sexual, casos de depressão, ansiedade e tentativas de suicídio.

Devido a gravidade das informações apresentadas, a professora responsável foi chamada até a sala para auxiliar na montagem de uma resposta adequada, e então foram informados novamente os contatos de emergência e os papéis foram redirecionados para a coordenação psicopedagógica, que seria responsável por atuar a partir de então.

DISCUSSÃO

O presente relato de experiência proporcionou observar a realidade do adolescente, no qual houve o compartilhamento de conhecimentos prévios e experiências de vida. A partir desse contexto, verificou-se que os alunos do colégio já apresentavam uma noção preliminar dos direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Com o objetivo de reforçar esses conceitos, se realizou uma breve exposição sobre cada uma das garantias, a fim de se aprofundar neste assunto, afinal a difusão do conhecimento representa uma das ferramentas mais imprescindíveis de empoderamento, em uma sociedade democrática¹⁴.

Em seguida, durante a dinâmica de conversas, trabalhou-se o assunto violência do adolescente e as suas diferentes formas, física, sexual ou psicológica, posto que a violência social representa a maior causa de mortalidade dos adolescentes no Brasil¹⁵. Nesse sentido, a violência doméstica é a que mais afeta os jovens, devido ao fato de que muitos adolescentes se sentem desencorajados em realiza-

rem uma denúncia, em decorrência da relação de dependência entre os adolescentes e os seus responsáveis¹⁶. Por esta razão, além da discussão, foi passado o número de denúncias de violência doméstica e sexual.

Em seguida, foi dado um enfoque especial a violência sexual, que é a segunda forma de agressão mais comum entre os 10 e 14 anos no Brasil, segundo dados de 2013 do Ministério da Saúde, e, como percebido durante o momento de dúvidas, é de fato uma problemática muito presente na sociedade atual¹⁷.

Considerando isso, percebe-se que tal assunto necessita, portanto, de uma maior visibilidade e conscientização, tal como identificação e acompanhamento profissional, visto que os traumas advindos de abusos sexuais podem acarretar ao desenvolvimento de transtornos psicológico e consumo precoce de álcool e outras drogas, o que foi analisado também em um estudo de coorte, que verificou que jovens que haviam sofrido violência sexual na infância e adolescência tinham maior probabilidade de apresentar alterações no humor ou risco de suicídio, além do uso abusivo de substâncias¹⁸.

Diante disso, foi observado no presente estudo a importância de se trabalhar o tema de saúde sexual e sexo seguro, visto que eles demonstraram trazer uma bagagem, variando entre boas ou más experiências, e o conhecimento acerca do tema trazido de forma profissional e lúdica estaria promovendo saúde e segurança. Corroborando com essa linha de pensamento, indubitavelmente existe a necessidade de trabalhar o tópico com os indivíduos porque muitas vezes a educação social não é trabalhada em casa pois os responsáveis não se sentem preparados e a escola não é capaz de suprir as necessidades, conseqüentemente os adolescentes se baseiam em conceitos mal elaborados por amigos ou mídias e acabam se expondo a riscos fisiológicos e psicoemocionais¹⁹.

Também foi possível perceber a relevância da abordagem dos assuntos relacionados a saúde mental, pois possibilitou conscientizar e informar os jovens a respeito dos serviços oferecidos através do momento expositivo, além de garantir um ambiente mais seguro para discussão, com o anonimato, para retirada de dúvidas e descrição de relatos pessoais, mostrando o quanto um local acolhedor e confiável pode auxiliar o adolescente no processo de abertura, possibilitando ver na prática que um ambiente escolar positivo propicia maior bem estar aos jovens²⁰.

Ademais, o momento da roda de conversa, tornou passível a identificação de um grande desconhecimento acerca da conduta na consulta do adolescente, e esses conhecimentos poderiam promover uma maior adesão por parte dos jovens presentes. Uma vez que quando os indivíduos possuem os conhecimentos sobre como deve funcionar uma consulta junto com um auxílio das unidades de saúde em torno do adolescente, ele se sente mais confortável para se abrir naquele ambiente e a partir disso se constrói uma adesão a esse autocuidado²¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infere-se, portanto, que a experiência relatada demonstrou a importância de uma abordagem prática e integrada na educação em saúde e direitos para adolescentes, que, através do Arco de Maguerez, foi possível desenvolver um projeto que não apenas proporcionou conhecimento teórico aos adolescentes do Colégio Estadual José Ludovico de Almeida, mas também criou um espaço para a expressão de suas preocupações e problemas reais.

Esses resultados reforçaram a necessidade de promover a educação continuada sobre os direitos da criança e do adolescente. Desse modo, a dinâmica adaptada para diferentes faixas etárias e as perguntas direcionadas permitiram uma aprendizagem realista e pragmática.

Além disso, os relatos sobre violência e problemas de saúde mental entre os adolescentes evidenciaram a gravidade dessas questões e a necessidade de intervenções continuadas e especializadas, com encaminhamentos para serviços de apoio, como ambulatórios de assistência psicológica, pautados em rede de suporte tanto do setor público de educação e saúde quanto da participação familiar.

Em suma, a ação educativa realizada mostrou-se uma ferramenta valiosa não apenas para a formação dos estudantes de medicina, mas também para a promoção da saúde e do bem-estar dos adolescentes atendidos. Esta experiência reforça a importância de projetos interdisciplinares e integrados na educação em saúde, com potencial para causar impactos positivos e permanentes na comunidade.

REFERÊNCIAS

1. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Adolescent health. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1>.
2. BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>.
3. JÚNIOR, Dioclécio C.; BURNS, Dennis Alexander R.; LOPEZ, Fábio A. **Tratado de pediatria. v.1**. [Digite o Local da Editora]: Editora Manole, 2021. E-book. ISBN 9786555767476. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555767476/>. Acesso em: 12 mai. 2024.
4. COSTA, M. I. F. DA et al. Social determinants of health and vulnerabilities to sexually transmitted infections in adolescents. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 6, p. 1595–1601, dez. 2019.
5. AGUIAR, Camilla Moura; GOMES, Kilma Wanderley Lopes. Gravidez na adolescência e violência doméstica no contexto da atenção primária à saúde. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 43, p. 2401, jan.-dez. 2021.
6. PATEL, V. et al. Mental health of young people: a global public-health challenge. **The Lancet**, v. 369, n. 9569, p. 1302–1313, abr. 2007.
7. THIENGO, D. L.; CAVALCANTE, M. T.; LOVISI, G. M. Prevalência de transtornos mentais entre crianças e adolescentes e fatores associados: uma revisão sistemática. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 63, n. 4, p. 360–372, dez. 2014.
8. ANDRADE, C. R. DE; AVANCI, J. Q.; OLIVEIRA, R. DE V. C. DE. Experiências adversas na infância, características sociodemográficas e sintomas de depressão em adolescentes de um município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. 6, 2022.

9. ZHANG, J. et al. The role of family and peer factors in the development of early adolescent depressive symptoms: A latent class growth analysis. **Frontiers in Psychiatry**, v. 13, 15 set. 2022.
10. RODRIGUES DA SILVA, D. et al. Grizelle Sandrine de Araujo Rocha III Betânia da Mata Ribeiro Gomes. [s.d.].
11. BORGES, Cláudia Daiana; SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Vulnerabilidade, família e o uso de drogas: uma revisão integrativa de literatura. *Psicologia: Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 9-34, 2021.
12. QUINELATTO, Rubia Fernanda; CAMPOS, Rafael Garcia. O tráfico de drogas e a marginalização de adolescentes: fronteiras entre se tornar ou ser tornado/a marginal. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 8, n. 6, jun. 2022.
13. **Anápolis (GO) | Cidades e Estados | IBGE**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/go/anapolis.html>>.
14. THIEL, Amanda Calegari. GESTÃO SOCIAL E CIDADANIA: COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO COMO FORMA DE EMPODERAMENTO DOS CIDADÃOS. **Salão do Conhecimento 2019**, Rio Grande do Sul, v., XX, p. 1-5, out. 2019.
15. HILDEBRAND, N. A. et al. Violência doméstica e risco para problemas de saúde mental em crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 28, n. 2, p. 213–221, 2015.
16. COSTA, J. R. da; MAGALHÃES, B. de C.; SILVA, M. M. de O.; ALBUQUERQUE, G. A. Violência contra adolescentes: fatores associados, manifestações e enfrentamento. **Saúde.com**, [S. l.], v. 17, n. 3, 2021. DOI: 10.22481/rsc.v17i3.6581. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/6581>. Acesso em: 16 maio. 2024.
17. Brasil. Ministério da Saúde (MS). *Viva: sistema de vigilância de violências e acidentes: 2009, 2010 e 2011 Brasília: MS; 2013*.
18. MONDIN, Thaíse Campos et al. Violência sexual, transtornos de humor e risco de suicídio: um estudo de base populacional. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, p. 853-860, 2016.
19. COSTENARO, Regina Gema Santini et al. Educação Sexual Com Adolescentes: promovendo saúde e socializando boas práticas sociais e familiares. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 100544-100560, 2020.
20. DE MATOS, Margarida Gaspar; CARVALHOSA, Suzana Fonseca. A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem-estar. **Psicologia, saúde e doenças**, v. 2, n. 2, p. 43-53, 2001.
21. DOS ANJOS, Jussara Soares Marques et al. A importância do enfermeiro na promoção da saúde de adolescentes no âmbito escolar: relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 6, p. e10491-e10491, 2022.